MÉTODOS OU PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

MARCIONILLA L. C. AZEVEDO

A primeira série foi e será sempre motivo de grandes preocupações por parte daqueles que se interessam pelo curso primário. É ela o alicerce onde se apoiarão futuros conhecimentos pedagógicos relacionados ao tipo de inteligência, ao desenvolvimento social e emotivo do aluno. De fato, nessa idade tão difícil em que a criança vai enfrentar um ambiente diverso e que dela reclama obrigações e deveres até então desconhecidos, todos os seus sentidos se voltam para a professôra que poderá, se dotada de espírito científico e de condições indispensáveis a tão belo mister, conduzir fácil e proveitosamente o pequeno ser que gravita em tôrno de si.

Várias vêzes têm passado pelo ISOP professôras recém-formadas a fim de receberem dêsse Instituto, pela análise científica das suas aptidões, a orientação adequada às mesmas. Louvamos essas jovens, imbuídas de tão boa vontade, desinteressadas do fator material e que, ao desejarem saber se poderão ser realmente boas professôras, concorrem para minorar tantos erros causados por desajustamentos dentro de uma profissão em que a maior prejudicada é sempre a criança, então indefesa.

Em geral, vacilam as professôras quanto à adoção dêste ou daquele processo para iniciar a aprendizagem da leitura, esquecidas de que importa muito mais a personalidade do educador, que pròpriamente o método a empregar. Mais úteis que sua cultura e inteligência serão os conhecimentos sôbre psicologia infantil e das suas aptidões para conduzir a criança a fim de vencer essa primeira etapa da vida extra-lar.

Disse Paul Passy: "A reputação do professor é a fonte da vida espiritual na sua escola. A impressão boa ou má que seus alunos recebem provém menos do que *êle diz* que do que *êle é*".

Assim, ao invés de estudarmos métodos de ensino, pensemos primeiro em selecionar os alfabetizadores.

Lembremo-nos de que silabação, palavração ou sentenciação são apenas pretextos para motivar uma aula, podendo qualquer um dar ótimo ou péssimo resultado.

Modernamente, há preferência pela sentenciação e vejamos porque:

1.º — Na 1.ª série, há predominância de habilidades motrizes e, portanto, o movimento é imprescindível; o interêsse acompanha o

movimento, e a sentenciação, melhor que os outros, fornece meios ótimos e fáceis à motivação que conduz àquele interêsse.

2.º — A função globalizadora é normal à criança.

A aprendizagem a coloca numa situação inteiramente nova, nessa fase, chamada sincrética, em que a princípio tudo se lhe afigura impreciso.

Nós mesmos, os adultos, ao penetrarmos num ambiente estranho, à 1.ª vista, só percebemos o todo; com a adaptação é que vem o conseqüente trabalho de discriminação e o que era confuso, pouco a pouco, se esclarece, na ordem direta do *nosso interêsse*; chegamos então à análise completa onde os detalhes são percebidos.

Assim, também, a criança tem mais facilidade para, dedutivamente, sair do todo para as partes.

Não podemos, porém, abandonar os demais processos. E devemos lembrar-nos de que o mau emprêgo da sentenciação pode levar a criança a uma memorização indevida, à decoração de frases ou palavras com incapacidade para uma análise posterior.

Dependendo da habilidade peculiar às suas atribuições, a professôra terá, em qualquer processo empregado, ensejo a motivações bem interessantes.

As histórias ou contos (que serão o ponto de partida) deverão conter palavras simples, de poucas sílabas (nomes de animais, pessoas ou objetos usuais). Depois de narrada a história, procuraremos que surja, lembrada pela própria criança, a frase, a palavra ou a sílaba (conforme o método adotado) e que vai ser aprendida. Esta frase, palavra ou sílaba será escolhida e destacada, dentre as demais para o início da aprendizagem que será conduzida posteriormente, sempre com motivos ligados a êsse 1.º símbolo. O símbolo destacado não deverá ter grupos consonantais ou letras de sons diversos como *r, s, c,* sendo as consoantes labiais as mais apropriadas; assim: *pó, pá, pé, babá, papai, bebê* e ainda: *bola, bota* etc. podem surgir espontâneamente das histórias, como bons exemplos. O símbolo será então gravado *visualmente.* A escrita acompanhará sempre a leitura, sendo feita, naturalmente, a princípio, em papel sem pauta, não importando ao professor a perfeição. O principal cuidado será o de observar se é executada em ordem inversa à comumente usada. Embora uma ligeira inversão seja muito comum até a idade de 7 anos, é preciso que o educador tenha habilidade em corrigi-la, antes que o defeito seja fixado.

A criança portadora da inversão deverá executar sempre exercícios variados no sentido normal da escrita. Independente de constituírem meios corretivos, e para desenvolverem capacidades peculiares à idade, evitando deficiências futuras e conseqüentes desajustamentos, não podemos prescindir da ginástica ritmada e dos trabalhos manuais correlacionados com a técnica da leitura e da escrita.

Lembremo-nos ainda de que:

— o desenvolvimento do tato precede aos demais, auxiliando, na sua evolução, aos outros sentidos;

— a motricidade influi no nível da inteligência, porquanto o exercício dos músculos inclui o dos nervos e o do cérebro.

Será de grande vantagem, também, submetermos os alunos aos exercícios de atenção visual, antes de iniciarmos a técnica, pròpriamente dita, da leitura e da escrita. Vários jogos de Decroly são apropriados para isso.

Embora essas observações, oriundas de larga experiência, sejam indispensáveis para o progresso do trabalho do alfabetizador, confirmando o que já foi dito acima, pedimos que cada um reflita nessas palavras de um grande pedagogo, referindo-se aos seus alunos:

"Antes *daquele* ou *daquela*, vieram 273 que eu conheci todos, tôdas, e para êles me curvei, procurando descobrir quais de suas fibras respondiam ao apêlo das minhas e para fazer vibrar estas fibras nas horas do *mais perto! mais perto!*"